



**O TRABALHO DO HOMEM É UM COMPONENTE
PRIVILEGIADO DE SUA IDENTIDADE**

Escola de Biodanza Rolando Toro de Gravatal - SC

Escola de Biodanza Rolando Toro de Pernambuco - PE

**O TRABALHO DO HOMEM É UM COMPONENTE
PRIVILEGIADO DE SUA IDENTIDADE**

Monografia apresentada à Escola de Biodanza Rolando Toro de Gravatal/SC e à Escola de Biodanza Rolando Toro de Pernambuco/PE, no XX Encontro Nordestino de Biodanza em Maceió/AL.

Autor: Jonathas Gomes de Medeiros

Orientador: Laury Marengo de Oliveira

MACEIÓ

SETEMBRO/2009

Dedico este trabalho a meu pai, o qual privei muitas vezes da minha presença, na intenção de estar presente nas maratonas de formação.

Dedico este trabalho a minha mãe, especial apoiadora e nutridora dos meus sonhos por um mundo mais belo e mais justo.

AGADECIMENTOS

À Susana Pasinatto, minha iniciadora nesse frutífero caminho do amor, do prazer, da inteireza e da criatividade do ser.

A Orlando Rocha, pelo qual conservo apreço e consideração especiais, acreditando eu serem por ele desconhecidos.

À Silvia Eick, por perceber-me além das aparências e por acreditar nos meus potenciais de forma tão especial e autêntica.

A Laury Marengo por resgatar-me em meio às dificuldades da vida auxiliando-me na manutenção do foco e da intenção de ter este sonho concretizado.

A meu Anjo da Guarda, por sempre estar comigo!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARA INÍCIO DE CONVERSA

ETIMOLOGIA e ORIGENS

O ÓCIO CRIATIVO, DE ACORDO COM A SÁBIA MÁXIMA ZEN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Foi-lhes dado escolher: serem reis ou correios de reis. Como
crianças, todos quiseram ser correios. Por isso há apenas
correios, que correm mundo gritando uns para os outros
mensagens que afinal perderam o sentido.

(pois não existem reis)

De bom grado poriam termo às suas desgraçadas vidas, mas não
se atrevem - por causa do juramento profissional.

(Franz Kafka)

INTRODUÇÃO

Esta monografia é requisito para obtenção do Título de Facilitador de Biodanza pela Fundação Biocêntrica Internacional, depois de cumprido o curso de Formação na Escola de Biodanza Rolando Toro de Gravatal/SC.

Será utilizado o recurso da escrita em primeira pessoa do singular, por ter escolhido misturar-me aos fatos, numa perspectiva de historicidade e circularidade. A fala em primeira pessoa do singular é um recurso das rodas verbais de Biodanza, onde cada pessoa pode exercitar se colocar como autora e responsável de si, de sua vida, de seus sentimentos e de seus atos.

Pretendo com esta monografia fazer a exposição sucinta de alguns pensamentos a respeito do trabalho e sua influência na vida do homem e da sociedade. Um pouco da sua trajetória ao longo da história, sua contribuição na constituição da identidade humana e algumas de suas implicações na saúde.

Escolhi este tema pela estreita relação com minha história de vida e o processo de consciência que a Biodanza me despertou na construção de um estilo de vida saudável e autêntico.

Inicialmente exponho um pouco a minha história pessoal. Na seqüência falo a respeito da etimologia da palavra trabalho e suas possíveis origens, abordo sobre estilos de viver e estilos de adoecer na sociedade e termino por resgatar a

importância da organicidade e do ócio, que por sua vez podem levar ao equilíbrio e à vitalidade.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Eu nasci a 3 de dezembro de 1977, no interior do estado de Santa Catarina, cidade de Tubarão, também chamada Cidade Azul, pela beleza do seu céu que se encontra entre o mar e a Serra do Mar.

Caçulinha da família, entre duas irmãs e um irmão, sempre fui incentivado nos estudos e aos 14 anos iniciei um curso profissionalizante de eletricitista geral no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Durante 2 anos da minha juventude passei alegres tardes praticando, montando, realizando experiências e trabalhos manuais, exercitando também a mente com exercícios de lógica e desenho técnico. Aos quinze anos realizei o projeto e a instalação elétrica da casa nova dos pais de meu melhor amigo. Acabei seguindo esse caminho profissional, fazendo o curso técnico de eletrotécnica e posteriormente, todos me perguntavam se eu iria cursar faculdade de engenharia elétrica.

Felizmente rompi com esse fio, pois já estava ficando um pouco insatisfeito com a frieza humana da área técnica, a qual havia escolhido aos 14 anos e fui seguindo. Internamente algo pedia por "mais". Algo mais, que era desconhecido, mas havia uma busca interior, por algo então desconhecido. Talvez o que eu sentia fosse aquilo que Rolando chama de "nossos desejos e sentimentos despedaçados, nossa nostalgia do amor".

Para ilustrar, vou contar um caso ocorrido quando eu tinha 20 anos. Na ocasião eu fazia estágio em eletrotécnica, na área de Pesquisa e Desenvolvimento, e solicitei a meu supervisor que me dispensasse por um mês no período da manhã a fim de realizar um curso de massagem, argumentando que haviam pessoas que eram dispensadas para cursos de computação e outros. Ele riu e me disse que não teria como justificar minha ausência para um curso que não tinha relação com a área técnica. Penso que, naquela época em que eu já estava meses a trabalhar no ritmo enfurecido daquela grande indústria multinacional, das 7h30 às 11h30 e das 12h30 às 17h37, penso que meu "SER" pedia o "SER MAIS", pedia o "SER DE MAIS". Queria contato. Clamava afeto. Chorava amor! Sorria por humanidade.

Bom, esse fato ocorreu em 1997, mas alegremente vim a realizar o curso de massagem três anos mais tarde. Foi fantástico. Poder tocar. Transmitir afeto. Receber a energia humana. O calor da espécie. Sentir-me parte.

Nesse tempo eu já havia começado a trabalhar na Celesc, em horários de turnos de revezamento, ora manhã, ora tarde e outras vezes madrugada. Quando comecei esse trabalho fiquei encantado pois não era nada de rotina, como no caso da multinacional. Ficava feliz, porque meu tempo para o criativo ócio era mais alargado. O trabalho assalariado não consumia a minha vida, nem tampouco me deixava impedido do banho de sol.

A impermanência do horário de trabalho, no entanto, não me deixava seguir nada que tivesse a exigência de um período fixo, como uma faculdade por exemplo. Sendo assim, já passei pela faculdade de física e pedagogia. Entre aluno ouvinte de agronomia e biologia. Sempre gostei das mais diversas áreas do conhecimento. Quando conheci a biodanza, fiquei sobretudo fascinado pela antropologia, o que também fui estudar como aluno especial.

Conheci a Biodanza em Fevereiro de 2002, por meio de um curso de Iniciação oferecido pela Facilitadora de Biodanza e Arte Educadora Susana Pasinato.

À época eu procurava uma atividade que me desse a possibilidade de expressar-me, desenvolver minha corporeidade, descobri-la mais. Também buscava contatos afetivos com as pessoas. Gostava de abraços e tinha uma atitude de carinho e afeto pelas pessoas com quem convivia.

Nesse tempo o trabalho em turnos estava começando a me causar um certo desconforto físico e cansaço mental. Ora, tantas madrugadas sem dormir, tantas manhãs com o sono corrompido, a dificuldade com o convívio social, pois de maneira geral a maioria das pessoas trabalha de segunda à sexta-feira e final de semana folga. Isso tudo, aparentemente provocou uma baixa atuação do meu sistema imunológico. Também um grande sofrimento por ansiedade, meu sono ficou alterado em qualidade e quantidade, mais tarde pânico e um agravamento

geral da situação. Disfunções digestivas, alergias e cefaléias já faziam parte do cotidiano.

Infelizmente minha vida passou a ruir paulatinamente: primeiro o rompimento no relacionamento amoroso de quase sete anos (motivado por disfunções sexuais advindas do stress), depois a minha desistência da Faculdade de Pedagogia (pelas fadigas crônicas), e por fim o trabalho, mas este último numa atitude consciente de proteção da vida e do meu valor pessoal, por ter acumulado tão grande prejuízo à minha saúde.

Num momento inicial, a Biodanza me colocou numa relação de afetividade e carinho entre as pessoas. Mais à frente me trouxe a redescoberta da minha sexualidade, contribuiu bastante para a regulação da minha vida, melhorando meu sono e diminuindo o nível de stress imposto até então de maneira sistêmica ao meu organismo. Aos poucos meu organismo reencontrava seu ciclo natural.

Com o passar do tempo e o aprofundamento vivencial, a Biodanza me trouxe a reconexão com minha força vital. Passei a ter mais consciência dos meus atos e nas horas de repouso busquei fazer atividades que pudessem compensar os transtornos causados pela alteração dos estados naturais de sono e que contribuíssem para a melhora do meu bem estar e da minha saúde.

Houve o momento em que se deflagrou em mim a clareza de que o trabalho que eu fazia precisava ser eliminado da minha vida, para que a minha saúde fosse recuperada e preservada.

Até certo nível a Biodanza me trouxe bem estar e equilíbrio, e em outra profundidade me tornou consciente da importância de eliminar da minha vida as fontes geradoras de desequilíbrios e de doenças.

Criei um plano para então poder me desligar do tal trabalho, que me pagava bons bocados, por isso era difícil romper. Para isso havia a Faculdade de Pedagogia, no intuito de me formar e trabalhar ou criar uma Escola de Educação Biocêntrica, onde o respeito e o amor à vida se sobrepusessem às estruturas degradadas e degradantes sociais. Acabei adoecendo a ponto de não conseguir tocar a faculdade e por um tempo passei de licença médica, até vir a romper definitivamente o elo gerador da minha doença.

Hoje sou capaz de perceber e agir em prol de minha saúde e bem estar de maneira muito mais clara. Já não mais concedo adoecer ou me colocar em situação de altos níveis de stress por nada. Consigo optar pela saúde! Tenho vigor para buscar o que necessito e não sou mais um viciado em trabalho, aprendi a desfrutar, a ter uma vida mais simples e cheia de alegria e saúde. Somente com o resgate do ímpeto vital, isso tudo foi possível.

"O Ímpeto Vital é a disposição para a ação. O impulso para realizar os propósitos. É sentido existencial, impulso a viver, coragem para enfrentar a vida. O ímpeto vital se manifesta no salto, no riso, na alegria, no entusiasmo!" (Rolando Toro)

Pela Biodança e através da Biodança adquiri esta coragem
para a vida!

ETIMOLOGIA e ORIGENS

Ao iniciar este estudo quis pesquisar as origens da palavra trabalho. Encontrei muitas coisas assustadoras. O mais usual e conhecido é que trabalho deriva de tripalium, do latim, significando três paus, os quais eram fincados no chão, tomando a forma de pirâmide. Neste tripalium eram torturados os escravos. Tem-se portanto a palavra trabalho derivando de um instrumento de tortura.



Insatisfeito com tal achado, quis buscar o significado e etimologia da palavra labor. Para minha decepção encontrei fadiga, dor, angustia, agonia, sofrimento, etc. Nesse momento quase entrei em depressão. Pensei mesmo que nunca mais iria querer trabalhar! Melhor seria sempre brincar e amar!

Na cultura judaico-cristã, o trabalho está ligado à expulsão do paraíso e ao castigo pela desobediência, tendo o homem que suar a própria face para ter o seu sustento. E à primeira mulher, Deus disse: "Multiplicarei as dores de tua

gravidez, na dor darás à luz filhos." (Gn, 3:16). Atualmente costuma ser usual a expressão "trabalho de parto".

Num curioso paradoxo, a religião vem se apoiar da apologia ao trabalho como virtude, na ética protestante e no advento do capitalismo, com a revolução industrial.

Dando andamento à pesquisa, para minha alegria encontrei nova atribuição ao tripalium, sendo o mesmo instrumento feito de três paus aguçados, no qual os agricultores batiam o trigo, as espigas de milho, para rasgá-los, esfiapá-los. Instrumento de tortura teria se tornado, possivelmente depois. Aqui tive pelo primeiro momento uma inspiração positiva a respeito da origem do trabalho.

Eu estava também instigado com a afirmação de Foucault, quando escreve que o homem criou a si mesmo na base do trabalho, no trabalho e por meio do trabalho. Assim como quando Marx nos fala ser o trabalho que funda o ser do homem. Como assim? De onde viriam esses pensamentos?

Eu entendia tamanha importância dada ao trabalho em nossa sociedade mais como uma forma de manutenção de privilégios de alguns. Então, trabalhos mal remunerados, grande sobrecarga e stress por um lado e acumulação de riquezas e regalias por outro.

Sem contar a mais valia, onde o lucro é obtido na exploração da mão-de-obra, servindo para acúmulo de capital, sendo os que geram as riquezas aqueles que carecem delas.

Quando encontrei o texto de Engels, "A importância do trabalho na transformação do Macaco em Homem", obtive uma compreensão mais profunda e pude vislumbrar a possibilidade real de o trabalho ser parte integrante da identidade biológica do homem.

Segundo Engels, os nossos "parentes" macacos mais próximos, aqueles que conseguiam ficar eretos e tinham assim as mãos livres, foram desenvolvendo o uso das mãos a tal ponto que isso foi fazendo desenvolver também o cérebro, de geração em geração, mais e mais, fazendo surgir a fala, pela necessidade de comunicação gerada através da cooperação "social" na realização das pequenas tarefas com as próprias mãos. Dessa sucessão de tarefas e atividades surgiria o trabalho, junto com o aperfeiçoamento da mão, junto com o surgimento do homem. Atividades de pesca, de caça e de agricultura. E nesse meio o cérebro foi se tornando cada vez mais sofisticado. Através da correlação do crescimento, conceito de Darwin citado por Engels em seu texto. Tal conceito versa que quando uma certa área ou órgão de um ser orgânico se desenvolve, junto desenvolvem-se outros órgãos e outras áreas do mesmo ser.

Sendo isso verdadeiro - e para mim parece ser uma boa resposta para a aparente necessidade do homem de trabalhar criativamente - se localizaria aí a parcela biológica da nossa identidade ligada ao trabalho. Claro, intuitivamente sabemos que como reabilitação de pessoas com sofrimento psíquico não

existe nada melhor que trabalhos manuais (voltando aí às origens), como pintar, esculpir, mexer na terra, plantar, colar... Como arte-terapia ou outras criatividades. Eu particularmente acredito que as pessoas que realizam trabalhos manuais estão mais felizes de maneira geral. Como é por exemplo o caso de mecânicos, que no meio de tanta graxa eu nunca vi um desses infeliz.

Voltando à evolução segundo Engels, chegou um momento em que o cérebro se desenvolveu a ponto de que a cabeça foi capaz de pensar numa seqüência de atividades e ordenar que outras mãos as realizassem. Bem, acredito estar aí a origem de algo que poderíamos chamar de trabalho escravo. Isso evolui até que chegamos às sociedades e ao trabalho alienado.

Daí foi necessário seguir para a compreensão do trabalho alienado/alienante (outro, alheio, sem sentido) e sua distinção do trabalho pleno de sentido, daquilo necessário a quem o faz, do trabalho como elemento criativo.

O trabalho assalariado é uma forma de trabalho alienante, criado pelo capitalismo para o acúmulo de capital. Alienante e alienado porque aquilo que se faz não é o que se necessita. É acumulação para terceiros. É trabalho desprovido de necessidade pessoal e existencial.

O Homem, a mulher, necessitam de trabalho sim. Faz parte de sua evolução biológica. Agora emprego, carga-horária, obrigações e direitos infundados, isso não.

Se analisássemos pela estética Biocêntrica, teríamos do trabalho algo próximo da arte. Aquilo que se necessita fazer, mas pleno de sentido, de beleza, de criação. Que valorize a vida e faça-a florescer mais.

O trabalho e o reforço da identidade:

Uma pessoa feliz, que faz o que ama e gosta tem sua identidade fortalecida. Ocorre entretanto em nossa sociedade algo que geralmente leva a doenças, por uma cobrança e exigência de um trabalho alienado.

Até mesmo os artistas, e especialmente estes, ficam muitas vezes tristes e infelizes, pois por vezes tem que submeter-se a alienação e realizar o que o "mercado" exige como forma de arte para ter o seu sustento.

Sobre estilos de viver e formas criativas de eliminar de nossas vidas as "relações tóxicas", que geram doenças, é o que trataremos a seguir.

O ÓCIO CRIATIVO, DE ACORDO COM A SÁBIA MÁXIMA ZEN

Na impossibilidade de se separar trabalho e vida, mais vale a sua união, numa síntese equilibrada e feliz, exorta Domenico De Masi e apresenta como sábia a máxima zen abaixo:

"Quem é mestre na arte de viver distingue pouco entre o trabalho e o tempo livre, entre a própria mente e o próprio corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Com dificuldade sabe o que é uma coisa e outra. Busca simplesmente uma visão de excelência em tudo que faz, deixando que os outros decidam se está trabalhando ou brincando. Ele pensa sempre em fazer ambas as coisas ao mesmo tempo." (DE MASI, Domenico. A Economia do Ócio, Sextante, 2001)

Em O Retorno da Deusa (1991), Edward Whitmont nos conta que quando o cristianismo foi levado até a Noruega no século VIII, os camponeses ficaram ofendidos com a proibição de trabalhar aos sábados (Sabbath), pois na sua cultura o sagrado não estava separado do corpo e da atividade física. Ainda, numa visão mitológica do mundo tudo é manifestação do sagrado. O trabalho também é sagrado. "Não é uma tarefa a ser concluída para que a pessoa possa aposentar-se ou desfrutar de repouso." Whitmont acrescenta que comer, beber, caçar, lutar, brincar, copular, eram todas atividades celebradas dentro de um espírito festivo.

O que acontece hoje? O que durante décadas foi exigido das pessoas? Como está estruturada a sociedade, a academia, as indústrias e as empresas? Tudo fragmentado. Conhecimento fragmentado, trabalho fragmentado, vida fragmentada. Quando

entrar dentro da empresa pra trabalhar, deixar a vida do lado de fora... Pequenas anedotas, com repercussão terrível na vida das pessoas. Dissociação. Pensar, sentir, agir... Especialistas e especialistas que não conhecem do todo. Toda uma cultura da fragmentação e dissociação de matéria e energia, corpo e alma, vida e trabalho.

Percebe-se que em muitos ambientes já se deram conta do desastre dessa maneira de viver e já se busca integração. Ambientes de trabalho mais flexíveis, integração de equipes, times de trabalho. Isso claro por terem percebido a melhora na produtividade. Mas nesse caso não importa o motivo, pois integração gera integração.

A Biodanza realiza um processo de integração ídeo-afetivo-sensitivo-motor, em que o praticante vai pouco a pouco adquirindo maior coerência existencial, tendo ligação entre aquilo que sente e aquilo que fala. Entre o que pensa e o que realiza. E entre todos esses elementos. Através de uma série de exercícios e vivências, com o uso da música e rituais de celebração e encontro em grupo, se desenvolve uma série de potenciais humanos. Busca-se o resgate da unidade corpo e alma, da matéria e energia, do sagrado e do profano. Progressivamente vai-se explorando as potencialidades e expressando-as. Aquilo que temos dentro de nós, necessita ser revelado, expressado. Assim como as sementes, que expressam toda sua beleza quando encontram condições adequadas para o seu crescimento e florescimento.

E nessa integração e revelação da identidade do ser, percebe-se que o trabalho é apenas uma parcela do que somos e temos. É apenas um isso. E somos muitos mais issos. Nossa identidade é além daquilo que fazemos como profissão. Portanto, se precisarmos romper com algo que nos danifica a vida, como na máxima antiprotestante "O Trabalho Danifica o Homem", poderemos, pois não estaremos mais rompendo com nossa inteireza, como preconiza o pensamento social dominante de que o trabalho é (quase) tudo o que somos.

Diante a conjuntura do desenvolvimento tecnológico/industrial atual Domenico de Masi nos alerta de que os governos escolheram errado ao apresentar o desemprego como algo a ser sanado. Assim como ele, Viviane Forrester também alerta de que a conjuntura atual é de cada vez menos trabalho e maior capacidade de produção. Ainda assim cada vez mais teremos mais pessoas nascendo, crescendo e chegando ao "mercado de trabalho". O que se necessita então é a divisão do trabalho com equidade entre todos, assim como a divisão das riquezas geradas pelas máquinas com todos os habitantes do globo.

De Masi vai além. Segundo ele, ao invés de apresentar o desemprego às populações com algo a ser amenizado e resolvido com mais progresso, desenvolvimento, industrialização, dever-se-ia ensinar as pessoas a conviver com o tempo livre, fruir, crescer, se revigorar. Dividir o trabalho existente com todos e ensinar as pessoas que cada vez mais teremos mais tempo

livre. E não desempregados. Uma pessoa desempregada fica triste, deprimida, humilhada. Às vezes em uma família uma pessoa trabalha 12 horas por dia e ao chegar a casa encontra um familiar desempregado. Isso é terrível. Precisamos difundir a cultura do tempo livre. E na atividade criativa, trabalho, estudo e diversão se confundem o tempo todo.

Critica-se o ócio como o pai de todos os vícios. Mas isso em uma sociedade que não ensina as pessoas a ler, a criar, a pintar, ao lúdico. Reproduz-se nas Universidades muito do que fazem nas grandes corporações interessadas em lucros e mais lucros, concentração de riquezas e amontoam estudantes de trabalhos, estudos, pesquisas além daquilo que é natural e orgânico. Privam-lhes de criar, pois só podem falar daquilo que "outros" já falaram.

Todo o sistema necessita ser modificado, para que as pessoas possam se modificar. Ao mesmo tempo as pessoas precisam alcançar a mudança interna, para que o sistema possa se modificar.

O que acontecerá, se não fizermos a divisão das riquezas geradas pelas máquinas nesse mundo que caminha cada vez mais para a desnecessidade do trabalhador nos processos produtivos? Segundo Forrester, De Masi e Marilena Chauí, a não divisão das riquezas levará os marginalizados a conseqüências desastrosas.

Para Toro, entretanto, a mudança social não pode ser somente ideológica. Há a necessidade de ativar nossos núcleos

inatos, biológicos, instintivos e emocionais do contato corporal.

"O cerne de nossa problemática social estaria em modificar nosso esquema de vida agonista e transformá-lo, progressivamente, em um estilo de vida hedônico, ou pelo menos introduzir no esquema agonista o elemento fundamental capaz de diminuir a tensão inter-humana: o contato, a carícia, a função lúdica de oferecer continente ao outro.[...]

Portanto, a transformação social vista a partir da Biodanza, compreende por um lado a ativação hipotalâmica das vivências de contato e afetividade e, por outro, a quebra de tabus sexuais, políticos, religiosos e psiquiátricos."(Rolando Toro)

E essa é a proposta da Biodanza. Esse foi o caminho que encontrei para a minha vida, de maneira a preservar-me de maneira integral. A dança, o grupo, o contato afetivo, a promoção e fortalecimento da identidade, o resgate da vitalidade e sobretudo a descoberta das formas de ser e estar no mundo me deram a disposição para realizar no mundo um modo novo de viver, com intensidade e amor a cada dia.

Em O Direito à Preguiça (1888), Paul Lafargue alerta para a importância do tempo livre no resgate da organicidade e da virtuosidade. O trabalho excessivo tornava os trabalhadores sem vigor, sem vida. Trapos acabados.

Hoje, o stress físico foi superado pelo stress mental. Milhões de trabalhadores estão passando por sobrecarga e fundindo-se. Na era das novas máquinas inteligentes a medida de tempo passou a ser de nanossegundos, sendo que estudos concluem que o tempo de resposta de um computador de mais de

1,5 segundo poderia provocar impaciência e stress no seu usuário.

Entretanto esse tempo é um tempo artificial. O tempo da vida é diferente. Os ciclos da natureza são orgânicos. Suaves. Nosso corpo responde naturalmente a estes ciclos naturais. Nossa vitalidade é resgatada quando respeitamos nossa organicidade. Quando nos percebemos, quando nossa respiração é tranqüila. Quando sentamos e nos alimentamos com graça e leveza. Quando paramos para apreciar uma paisagem e ouvir boa música. Isso é cuidar da saúde. Dar tempo aos nossos ciclos.

A vitalidade é fundamental.

Registro aqui duas passagens do texto de Lafargue, o qual acreditava ser através da preguiça, do repouso, que os trabalhadores do século XIX reencontrariam seu virtus, sua vitalidade, para sim reconquistarem a vida perdida dentro das fábricas. E como exímio retórico escreveu:

"Cristo pregou a preguiça no seu sermão na montanha: 'Contemplai o crescimento dos lírios dos campos, eles não trabalham nem fiam e, todavia, digo-vos, Salomão, em toda a sua glória, não se vestiu com maior brilho.'[...] Javeh, o deus barbudo e rebarbativo, deu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal: depois de seis dias de trabalho, repousou para a eternidade."
(LAFARGUE, 1888)

Dentre todas as coisas aqui já mencionadas, chego à conclusão de que o trabalho criativo, integrado à vida, ao estudo e à arte torna-se força de identidade criativa, resgatando a essência do ser e da espécie.

E como numa nova resolução social alcançaremos esse vigor, nos livraremos do trabalho alienado e renderemos louvores ao novo e velho Deus do tempo contínuo, Kairos, o senhor do presente eterno. Da beleza infinita, da ordem da graça e da leveza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAB, Associação de Biodanza da América Latinas, Tomos I, II e III.

DE MASI, Domenico. A economia do ócio / Bertrand Russell, Paul Lafargue; Domenico De Masi, organização e introdução; tradução Carlos Irineu W. da Costa, Pedro Jorgensen Júnior e Léa Manzi - Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DE MASI, Domenico. O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial; tradução de Yadyr A. Figueiredo. - 3. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio; DF: Ed. Da UnB, 2000.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). Edição Ridendo Castigat Mores. Fonte Digital RocketEdition de 1999 em www.jahr.org

FORRESTER, Viviane. O horror econômico. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

HONORÉ, Carl. Devagar; Tradução de Clóvis Marques. 4ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2006.

LAFARGUE, Paul. O direito à preguiça; introdução de Marilena Chaui. São Paulo: Hucitec; Unesp, 1999.

WHITMONT, Edward C. Retorno da Deusa. São Paulo: Summus Editorial, 1991.